

## Denúncia do preconceito racial em *Clara dos Anjos* de Lima Barreto

Romualdo dos Santos Correia\*

- *Mamãe! Mamãe!*  
 - *Que é minha filha?*  
 - *Nós não somos nada nesta vida.*

*Lima Barreto*

O final do século XIX trazia consigo muitas das inquietações e alterações de um regime fadado ao fracasso e que assistiria às mudanças políticas, econômicas e sociais tanto no campo histórico como no literário. A partir da literatura, poderemos fazer uma reflexão do que se escreveu durante o período, especificamente no romance *Clara dos Anjos* de Lima Barreto, cuja abordagem retrata os contrastes sociais e as condições das personagens negras em uma sociedade recém-pós-escravagista.

### Contexto histórico-literário

A obra de Lima Barreto retrata uma influência quase que predominantemente biográfica de caráter confessional. Vivendo em uma sociedade ainda precocemente republicana e pós-escravagista, muito do que foi escrito em sua obra retrata a realidade das personagens “reais” que figuraram no Brasil do início do século XX.

Característico dos escritores do início do século XX, Lima Barreto traz consigo a influência da escrita Realista, seja em sua temática seja pela descrição minuciosa das personagens que protagonizam a trama, fixando, dessa forma, os traços de caráter próprios desses “atores” mimetizados através de sua prosa. A descrição espacial, também característica do Realismo, reproduz no leitor uma imagem que tende a definir os padrões de vida e a posição social de suas personagens e que caracteriza, também, a imagem da cidade do Rio de Janeiro no início do século.

É nesse contexto de mudanças drásticas na vida política e social do país que o romance se desenvolve. Não obstante, as famílias negras que habitavam os subúrbios cariocas distavam de outras classes mesmo tendo tido alguma ascensão, como foi o caso de Joaquim dos Anjos – personagem do romance – que trabalhava como carteiro. A obra de Lima Barreto se situa,

---

\* Mestrando em Literatura e Interculturalidade pela Universidade Estadual da Paraíba – UEPB.

justamente, na denúncia de uma realidade exclusiva que nos leva a questionar as premissas da abolição e os ideais de igualdade da República. A partir da literatura, pode-se *a priori* compreender uma estética cujos aspectos descritivos e estilísticos apontam para a insatisfação do autor e narrador do romance. Dessa forma, podemos concordar com Carmem Lúcia Negreiros de Figueiredo, quando diz que:

Na mesma medida em que a literatura veicula imagens, clichês, as lembranças e as heranças, até mesmo as produções distorcidas e reutilizadas no imaginário coletivo, pode, também ela refletir criticamente sobre esse processo. A obra do escritor Afonso Henriques de Lima Barreto(1881-1922) permite a percepção de como a herança cultural pulveriza-se no cotidiano de personagens, especialmente os de baixa extração social. Podemos, em seus textos, perceber as ruínas, ou fragmentos cristalizados de memória cultural que se transformaram em imagem, capazes de dissolver as névoas da ideologia e perscrutar camadas inacessíveis aos recursos teórico-críticos, mas em geral apreendidos pela arte e literatura. (FIGUEIREDO: 2006).

Compreendendo, então, que a literatura acompanha a história e se molda, dessa forma, ao contexto histórico, concordaremos com Antoine Compagnon (2006: p. 196) quando diz que “[...] a literatura muda porque a história muda em torno dela. Literaturas diferentes correspondem a momentos históricos diferentes.” Partindo desta premissa, procederemos à análise do romance *Clara dos Anjos* e de sua relação com a realidade de uma sociedade preconceituosa e patriarcal.

### **Uma análise crítica do romance**

O romance *Clara dos Anjos*, descreve, como o próprio título deixa claro, a personagem de Clara, uma moça pobre que vive em um subúrbio na cidade do Rio de Janeiro do início do século XX. Filha de descendentes de escravos, Clara traz consigo, a cor da pele negra e o destino de confinamento nas margens das estratificações mais pobres dos subúrbios cariocas. Seu pai, Joaquim dos Anjos era carteiro, “não era homem de serestas e serenatas; mas gostava de violão e de modinhas” (BARRETO, 1988: p.13). A mãe, Engrácia, era uma daquelas senhoras que viviam, unicamente, para o lar. De uma formação, caracteristicamente, patriarcal, nunca soube intervir na formação de Clara, deixando, assim, a filha cercada dos mimos de criança pobre, alheia a todas as informações e instruções necessárias à sua adolescência.

Intimamente ligado às manifestações artístico-culturais dos subúrbios cariocas, Joaquim é impelido por Lafões a comemorar o aniversário de Clara com apresentação de um “mestre do violão e da modinha” (BARRETO, 1988: p. 21). Arrebatado pelos cuidados com a afilhada, Marramaque intervém criticando a sugestão de Lafões em trazer Cassi para a casa de Joaquim. Ouvindo isto, Clara começa a imaginar quem era tal cantador. Quem seria o tal Cassi?

Cassi era um jovem com “pouco menos de trinta anos, branco, sardento, insignificante, de rosto e de corpo” (BARRETO, 1988: p. 23). A descrição do narrador apresenta os traços de uma personagem que leva o leitor a perceber as características psicológicas nela enredadas. Descrito, também por suas habilidades “ignóbeis” (idem), a sua apresentação, também, já fica patente como um rapaz de procedimentos sedutores. Segundo o narrador, havia mistério no violão de Cassi. Suas habilidades consistiam de “dez desfloramentos e a sedução de muito maior número de senhoras casadas” (BARRETO, 1988: p. 24), por isso a objeção de Marramaque em trazê-lo à casa de Joaquim.

A questão abordada pelo autor/narrador, no romance, transcende os limites do estético para priorizar aspectos da realidade das estratificações pobres e negras submetidas ao falocentrismo das classes dominantes.

No caso brasileiro, as modinhas e canções populares estão contaminadas de fragmentos cristalizados de memória cultural – ruínas - herdadas da tradição romântica divulgando, por exemplo, a imagem de amor que garante felicidade, realização pessoal e nivelamento das diferenças sociais, com superação de todos os obstáculos. Tudo plantado no terreno da limitação intelectual, do distanciamento dos livros e do pensamento crítico. Numa ambiência cujos traços gerais incentivam a fantasia, a música dolente em versos repetitivos, com os sons “mágicos” do violão, o caráter de Clara dos Anjos molda-se pelas nuances da imagem de amor. O autor agiliza, na fala das personagens, as ruínas do imaginário, na forma de retórica amorosa, e demonstra como tais imagens movimentam vidas e destinos. (FIGUEIREDO, 2006).

Apesar de todas as advertências sobre Cassi Jones, Joaquim, a pedido de Clara, o aceita em sua casa para presentear a filha no dia do aniversário desta. Encantada pelos gestos do rapaz, sua maneira de cantar virando os olhos provoca em Clara um quê de paixão. A partir daí, Clara dos Anjos experimenta muito daquilo que neste tipo de enredo se concretiza: parece próprio das descrições desta época, uma tendência relativamente propícia para o amor e as “desgraças” que este pode causar. Comum do imaginário das “mulatas” pobres do subúrbio

onde Clara vivia, poder-se-ia conquistar o verdadeiro amor traduzido nas modinhas do cantor. Segundo Carmem Lúcia Negreiros de Figueiredo,

A retórica, portanto, pressupõe a imitação de um modelo, mesmo que as motivações intrínsecas àquele modelo, na sua origem, tenham desaparecido, sejam outras, ou, até mesmo, inacessíveis na sua compreensão plena. Equivale a uma ruína, ou fragmento de memória, guardado no imaginário, acerca do mito do amor, tanto no nível de atitudes (o gestual, a aparência), quanto no das palavras. Nessa perspectiva, compreende-se a sedução de Clara dos Anjos e o papel de Cassi Jones, o sedutor, nesse imaginário.

Para a protagonista, a realidade torna-se um pálido reflexo da imaginação e passa a viver através dela e por ela. É da imaginação que brotam todos os seus anseios, sua dor e vitalidade no presente. A imaginação do amor interessa-lhe mais do que buscar conhecer o amor verdadeiro, que poderia estar a seu lado e não no conteúdo das modinhas. (FIGUEIREDO, 2006).

O romance complica-se a partir da paixão de Clara por Cassi. Daí em diante, se encontrarão às escondidas. Apesar de todas as advertências que recebe acerca do Cassi, Clara não consegue acreditar que o mesmo fosse capaz de abandoná-la depois de possuí-la. Ledo engano. Tendo conseguido o que queria com a moça, o rapaz a abandona grávida. Dessa maneira, o autor/narrador nos coloca, novamente, nos pilares das contradições sociais de uma época onde o *status quo* da população negra nos subúrbios do Rio de Janeiro do século XX não se diferenciava dos do tempo da escravidão. Conforme Ricardo Corrêa Peixoto,

Logo, creditou-se à abolição o peso de ser uma panacéia para todos os males engendrados por quase quatro séculos em que a diferença foi diuturnamente reafirmada, chancelada pela lei dos homens e até de 'Deus', onde os corpos recebiam as marcas, as insígnias de propriedade até então inalienável. Os 'pretos' enquanto seres humanos receberam da civilização a recusa de uma participação igualitária, considerados anomalias apenas suportáveis dentro da esfera servil, como antinomia à eminência branca. (PEIXOTO, 2007).

Portanto, a partir de *Clara dos Anjos*, fica-nos claro o empenho de Lima Barreto em combater ferrenhamente o preconceito racial numa sociedade cujos conceitos de cor e de raça sublevavam os valores da nova República. Através de sua denúncia, a partir da literatura, a história registra, conjuntamente com aquela, as tensões que emergiram após a abolição e os conflitos que foram relatados através da mimetização proposital da realidade por um autor cuja escrita é uma experiência de si.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARRETO, Afonso Henriques de Lima. *Clara dos Anjos*. São Paulo: Ática, 1988.

COMPAGNON, Antoine. *O demonio da teoria: literatura e senso comum*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

FIGUEIREDO, Carmem Lúcia Negreiros de. *Lima Barreto e as ruínas do imaginário*. Disponível em: <http://nuevomundo.revues.org//index2936.html>. Acesso em 02/07/2008 às 14:13 h.

PEIXOTO, Ricardo Corrêa. *Crioulos pretos: de propriedade dos outros a propriedade de si mesmos*. Disponível em: <http://www.webartigos.com/articles/2165/1/crioulos-pretos/pagina1.html>. Acesso em 02/07/2008 14:06 h.